

## CONSULTA PSICOLÓGICA VOCACIONAL EM GRUPO: ESTUDOS DE CASO COM ALUNOS DE 9.º ANO DE ESCOLARIDADE

Liliana Faria, Alexandra Araújo, Maria do Céu Taveira, Joana Pinto  
*Centro de Investigação em Psicologia, Universidade do Minho, Portugal*

### Resumo

Este trabalho pretende divulgar os resultados da avaliação de 7 estudos de caso, longitudinais, relativos à aplicação de um programa de intervenção psicológica vocacional, efectuado junto de alunos do 9.º ano de escolaridade. Ao longo de cerca de 5 semanas, os referidos alunos foram sujeitos ao programa "Futuro Bué!", um programa de intervenção psicológica vocacional desenvolvido por Taveira e colaboradores (1997, 2004), destinado a ajudar os alunos a tomar decisões vocacionais após o 9.º ano. Apresentam-se os dados referentes à análise da influência do "Futuro Bué!" nos resultados de exploração e indecisão vocacional dos alunos. Discutem-se implicações para futuras investigações de avaliação da eficácia da consulta psicológica vocacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Consulta psicológica vocacional, carreira, intervenções, eficácia.*

### Introdução

A intervenção psicológica vocacional tem sido definida, ao longo do tempo, como "qualquer actividade ou programa desenvolvido com a finalidade de facilitar o desenvolvimento da carreira" (Fretz, 1981, p.78), ou "qualquer estratégia intencional desenvolvida para ajudar os clientes a tomar e implementar decisões eficazes de carreira" (Spokane e Oliver, 1983, p.100). Se até há bem pouco tempo a maioria das intervenções psicológicas de carreira seguia um formato individual face-a-face (Spokane e Hawks, 1990), cada vez mais as diversas entidades procuram diversificar os seus serviços de desenvolvimento de carreira, oferecendo múltiplas modalidades de intervenção psicológica vocacional (e.g., consulta psicológica vocacional de grupo, seminários).

Esta diversidade de modalidades de intervenção de carreira implica que o psicólogo esteja na posse de indícios concretos acerca do que funciona na in-

tervenção, porquê, sob que circunstâncias e com que populações. Neste sentido, são múltiplos os autores (e.g., Brown e Krane, 2000; Fretz, 1981; Holland, Magoon, e Spokane, 1981; Oliver e Spokane, 1988; Silva 2004; Spokane e Oliver, 1983; Whiston, Brecheisen, e Stephens, 2003) que se têm dedicado a recolher informação sistemática acerca das actividades, características e resultados das suas intervenções.

A revisão da investigação sobre o processo e resultados da intervenção psicológica vocacional remete-nos para algumas conclusões que certificam a sua eficácia, apesar da inexistência de consenso relativamente à/s modalidade/s mais eficaz/es. Exemplos disso são os resultados de três estudos que apontam para a intervenção em grandes grupos (Oliver e Spokane, 1988), a consulta psicológica individual (Whiston, Sexton, e Lasoff, 1998) ou a consulta psicológica de grupo (Brown e Krane, 2000), como sendo as modalidades de intervenção psicológica vocacional mais eficazes.

A consulta psicológica vocacional é entendida como um processo relacional que ocorre entre uma ou mais pessoas, destinando-se a ajudar jovens e adultos nas suas decisões vocacionais (e.g., Brown e Brooks, 1991; Faria e Taveira, 2006). Quando praticada em grupo, aparece associada às seguintes vantagens: (i) ajuda os indivíduos a entender que os seus problemas não são únicos, mas partilhados por outras pessoas; (ii) fornece um serviço com boa relação custo-eficácia; (iii) aumenta a oportunidade para que cada elemento obtenha *feedback* relevante e útil; (iv) fornece apoio na compreensão e personalização da informação; (v) ajuda a balancear as experiências de aprendizagem cognitiva e afectiva; (vi) aumenta a motivação dos membros para a exploração; e, (vii) fornece uma experiência desafiadora e recompensadora para os psicólogos (Pyle, 1986). Adicionalmente, outros benefícios da utilização da estrutura de grupo têm sido apontados, tais como: (i) a possibilidade de cada membro servir como fonte de apoio e desafio para os restantes (Anderson, 1995); (ii) o espaço fornecido para o alívio e descarga emocionais; (iii) a expansão das competências sociais; (iv) a instauração de esperança (Cochran, 1984); (v) o desenvolvimento pessoal e social (Taveira, 2001); e (vi) a resolução de dificuldades ao nível da tomada de decisão (Brown e Krane, 2000; Faria e Taveira, 2006). Em contrapartida, esta modalidade de intervenção vocacional exige níveis mais elevados de preparação, tempo e energia por parte dos psicólogos.

Como se constata, são vários os autores que atestam que as intervenções psicológicas vocacionais, incluindo a modalidade de grupo (quando conduzidas com clientes, técnicas, estratégias de intervenção diversas), são eficazes,

provocando mudanças positivas, embora moderadas, no desenvolvimento da carreira dos clientes (Fretz, 1981; Holland, Magoon, e Spokane, 1981; Myers, 1986; Oliver e Spokane, 1988; Osipow, 1982; Pickering e Vacc, 1984; Rounds e Tinsley, 1984; Spokane e Oliver, 1983; Swanson, 1995; Whiston et al., 2003). Contudo, apesar dos resultados anteriormente apresentados, alguns autores continuam a sublinhar a escassez de estudos no âmbito da avaliação da eficácia da intervenção psicológica vocacional (e.g., Lea e Leibowitz, 1992) e, por conseguinte, a necessidade de se realizarem mais estudos dentro desta temática.

A revisão acerca do tema, levada a cabo por Kivlighan, Coleman, e Anderson (2000), explicita uma clara necessidade de se realizar mais investigação acerca da intervenção em grupo e, concretamente, com diferentes grupos (e.g., McRoberts, Burlingame, e Hoag, 1998). Na verdade, a eficácia da intervenção na carreira deveria ser regularmente monitorizada, seguindo um conjunto pré-estabelecido de directrizes comuns para a recolha sistemática de resultados. Deste modo, poder-se-á verificar se as intervenções estão a ir ao encontro das necessidades de desenvolvimento pessoal, social e económico dos clientes, encorajando um desenvolvimento sustentável, numa sociedade assente no conhecimento (Esbroeck, 2002; *in* Bernes, Bardick, e Orr, 2007). Adicionalmente, através da evidência da eficácia das actividades de intervenção na carreira, os psicólogos poderão demonstrar aos clientes, administradores e legisladores, que o seu investimento, em termos pessoais, monetários e temporais, é significativo. A este respeito, o trabalho recentemente publicado por Bernes, Bardick, e Orr (2007) estabelece uma relação entre a ausência de dados que apoiem as intervenções de carreira e a fraca adesão das pessoas a este tipo de actividade.

Neste sentido, e perante a escassez de investigação publicada no âmbito, o presente estudo destina-se a avaliar a eficácia da consulta psicológica vocacional em grupo, breve e estruturada. As autoras apresentam um estudo de caso, de natureza longitudinal, realizado num contexto real e natural. Este trabalho pretende adicionar informação aos resultados já publicados sobre a eficácia deste tipo de intervenções, nomeadamente no que diz respeito: (i) aos pressupostos e princípios teóricos subjacentes à intervenção (cf. Silva, 2004); (ii) às técnicas e estratégias práticas utilizadas; e, (iii) aos dados relativos à eficácia da intervenção no grupo total, comparando resultados de pré e pós-teste (Faria e Taveira, 2006). No presente trabalho, são apresentados e discutidos dados relativos a sub-grupos, nomeadamente, por grupo de intervenção ( $n=7$ ) e por psicóloga responsável pela intervenção.

## Metodologia

### Participantes

Compuseram a amostra final deste estudo 57 alunos do 9º ano de escolaridade de ambos os sexos (32 raparigas e 25 rapazes) provenientes de uma escola de tutela privada situada no norte de Portugal, e atendidos na Consulta Psicológica Vocacional do Serviço de Consulta Psicológica e Desenvolvimento Humano da Universidade do Minho. A média de idade dos participantes é de 14.1 anos, tendo o sujeito mais novo 14 e o mais velho 15 anos ( $DP_{idade}=0.26$ ). E, ainda, duas licenciadas em Psicologia, com pré-especialização em Psicologia da Educação, com 2 anos e 1 ano de experiência profissional, designadas ao longo do presente estudo por psicóloga 1 e psicóloga 2, respectivamente.

### Instrumentos

- *Escala de Exploração de Carreira*. Trata-se de uma escala de avaliação do processo de exploração vocacional desenvolvido por Stumpf, Colarelli, e Hartman (1983) e adaptada para a população Portuguesa por Taveira (1997). A avaliação do processo de exploração vocacional é feita por recurso a doze sub-escalas distribuídas por três dimensões: *Crenças* (estatuto de emprego, certeza nos resultados da exploração, instrumentalidade externa, instrumentalidade interna, importância de obter a posição preferida), *Comportamentos* (exploração com *locus* no mundo escolar e profissional, exploração com *locus* em si próprio, exploração intencional-sistemática, quantidade de informação), e *Reacções* (satisfação com a informação, stress na exploração, stress na tomada de decisão) relacionadas com a exploração vocacional (Taveira, 1997). A escala é constituída por 54 itens, 53 dos quais são de resposta tipo *likert* e, um item (item 54) para indicar o número de domínios vocacionais explorados.

- *Escala de Decisão de Carreira*. Trata-se de uma escala de avaliação da indecisão vocacional desenvolvida por Osipow, Carney, Winer, Yanico, e Koschier (1976) e adaptada para a população Portuguesa por Taveira (1997). A escala é constituída por quinze itens, catorze dos quais (itens 1 a 14) cotados numa escala de resposta tipo *likert*. O item 15 é de resposta aberta, para que o participante apresente informação detalhada sobre o seu estado de (in)decisão caso nenhuma das situações referidas nos 14 itens se lhe apliquem.

### Procedimento

A administração do programa de intervenção psicológica vocacional "Futuro Bué!" (Taveira, Oliveira, e Gonçalves, 1997; Taveira, Oliveira,



Gonçalves, e Faria, 2004) decorreu ao longo de cinco meses, entre Janeiro e Maio de 2006. Foi realizada por duas psicólogas em formação profissionalizante no Serviço de Consulta Psicológica e Desenvolvimento Humano da Universidade do Minho, em ambiente de sala de aula, em grupos de 6 a 8 alunos.

O processo de intervenção com cada cliente estruturou-se em quatro fases (Iniciar, Explorar, Comprometer, Finalizar) ao longo de 7 sessões, das quais 5 sessões de 90 minutos se realizaram com os alunos sob a modalidade de consulta psicológica vocacional, e 2 sessões de 20 minutos se realizaram com as respectivas famílias. De realçar, ainda, que no início e no final da intervenção, houve uma sessão de pré e outra de pós-teste onde foram recolhidos os dados relativos às escalas de exploração e indecisão de carreira. A aplicação das escalas foi colectiva e administrada a todos os alunos da amostra numa única sessão, tendo um tempo médio de resposta aos questionários de quarenta minutos. Foram apresentadas aos alunos os objectivos do estudo e o interesse na aplicação dos instrumentos de pesquisa, e foram prestados outros esclarecimentos, como a garantia de confidencialidade das respostas dadas.

Os resultados foram processados pelo programa estatístico SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences* – versão 15.0). Os dados relativos à caracterização da amostra foram obtidos a partir da estatística descritiva, análises de distribuições e frequências. Para avaliar a possível existência de diferenças significativas entre o momento pré e pós-teste, foi utilizado o teste de Wilcoxon.

## Resultados

São de seguida apresentados os resultados relativos à avaliação das dimensões de exploração e de indecisão vocacional para a amostra total, por psicóloga responsável pela intervenção e por grupo de intervenção.

Quadro 1: Estatística Descritiva entre os Momentos Pré e Pós-teste para a Amostra Total nas Dimensões de Exploração e Indecisão Vocacional

Escala	Sub-escalas	Ponto médio	Pré Teste		Pós Teste	
			Média	D.P	Média	D.P
CES	Estatuto de emprego (EE)	9	10,74	2,22	10,7	2,06
	Crenças de Exploração Vocacional	9	10,30	2,46	10,0	2,29
	Certeza nos resultados da exploração (CR)	33	41,68	5,05	40,5	6,46
	Instrumentalidade Externa (IE)	12	15,74	2,82	15,6	2,75
	Instrumentalidade Interna (II)	9	11,74	1,93	11,39	2,20
	Importância de obter a posição preferida (IMP)	12	12,8	3,06	13,7	3,50
	Exploração com locus no mundo escolar e profissional (EEP)	15	16,0	3,38	16,2	3,87
	Exploração com locus em si próprio/a (ESP)	6	5,34	1,46	5,34	1,71
	Exploração intencional-sistemática (EIS)	9	9,81	2,40	10,7	2,49
	Quantidade de informação (QI)	9	9,81	2,40	10,7	2,49
Reacções de Exploração Vocacional	Satisfação com a informação (SI)	9	10,91	2,03	11,0	2,45
	Stress na exploração (SE)	12	14,2	4,78	15,2	5,17
	Stress na tomada de decisão (STD)	15	21,58	8,38	22,65	7,57
CDS	Indecisão vocacional (IV)	35	32,77	8,84	30,35	6,42

Como se pode observar pela leitura do Quadro 1, no que respeita à medida de exploração vocacional, no pré-teste registam-se valores acima do ponto médio em todas as sub-escalas com excepção da sub-escala *exploração intencional-sistemática*. Assim, este grupo de alunos apresenta, antes da intervenção e após a intervenção, valores acima da média nas *Crenças de Exploração Vocacional* acerca da possibilidade de emprego na área preferida, no grau de certeza de vir a atingir uma posição favorável no mercado de trabalho, na probabilidade de a exploração que faz do mundo profissional e de si próprio/a concorrer para atingir objectivos vocacionais, e finalmente no grau de importância atribuído à realização da preferência vocacional. No que respeita aos *Comportamentos de Exploração Vocacional*, o total de alunos da amostra apresenta valores de média acima do ponto médio em todas as sub-escalas, com excepção da sub-escala *exploração intencional-sistemática*. Com efeito, verifica-se um envolvimento elevado na exploração com locus no mundo escolar e profissional e em si próprio/a, mas um menor envolvimento na intencionalidade e carácter sistemático da actividade exploratória realizada até ao momento. Notam-se níveis elevados de informação adquirida sobre as profissões, empregos, as organizações e sobre si próprio/a. Relativamente à escala *Reacções de Exploração Vocacional*, as três sub-escalas encontram-se acima do ponto médio das respectivas sub-escalas. Nesse sentido, este grupo

de alunos apresenta-se relativamente satisfeito com a informação vocacional obtida até ao momento, mas experiencia níveis elevados de ansiedade face à exploração e face à tomada de decisão.

Os valores de pós-teste são ligeiramente superiores para todas as sub-escalas da escala de exploração de carreira, excepto para as sub-escalas *certeza nos resultados da exploração, instrumentalidade interna, instrumentalidade externa e importância de obter a posição preferida*. Verifica-se deste modo que, após a intervenção, os alunos mostram valores mais ajustados de *Comportamentos e Reacções de Exploração Vocacional*. Os resultados de mudança menos positivos são os que se referem às *Crenças de Exploração Vocacional*.

No que respeita à medida de indecisão vocacional, no pré-teste registam-se valores inferiores ao ponto médio da escala. No final da intervenção, verifica-se uma diminuição dos valores de indecisão, mantendo-se igualmente abaixo do ponto médio.

Tomando os resultados pelos sub-grupos de intervenção (cf. Quadro 2), diferenciados pela psicóloga responsável pela intervenção, verifica-se que as diferenças entre pré-teste e pós teste são significativas ( $p < .05$ ), no que se refere ao *estatuto de emprego*, para a Psicóloga 1 ( $z = -4.204$ ;  $p < .05$ ), Psicóloga 2 ( $z = -4.288$ ;  $p < .05$ ), e para o grupo de intervenção liderado pela Psicóloga 1+ Psicóloga 2 ( $z = -4.814$ ;  $p < .05$ ).

Quadro 2: Efeitos da Consulta Psicológica em Grupo no Processo de Exploração e de Indecisão Vocacional de Jovens: Frequências e Estatística do teste de Wilcoxon por Psicóloga

Sub-Escalas		Psicóloga 1 (N=23)	Psicóloga 2 (N=24)	Psicólogas 1+2 (N=10)
EE	Negativas <sup>1</sup>	0	0	0
	Positivas <sup>2</sup>	23	24	10
	Iguais <sup>3</sup>	0	0	0
	Z	-4.204	-4,288	-2.814
	P	0.000	0.000	0.005
CR	Negativas <sup>1</sup>	12	10	2
	Positivas <sup>2</sup>	8	11	3
	Iguais <sup>3</sup>	3	3	5
	Z	-0,695	-0,299	-0,137
	P	0,487	0,765	0,891
IE	Negativas <sup>1</sup>	17	11	5
	Positivas <sup>2</sup>	6	12	4
	Iguais <sup>3</sup>	0	1	1
	Z	-1.589	0.000	-0.237
	P	0.112	1.000	0.813
II	Negativas <sup>1</sup>	14	9	5
	Positivas <sup>2</sup>	8	10	5
	Iguais <sup>3</sup>	1	5	0
	Z	-1.213	-0.689	-0.462
	P	0.225	0.491	0.644

Sub-Escalas		Psicóloga 1 (N=23)	Psicóloga 2 (N=24)	Psicólogas 1+2 (N=10)
IMP	Negativas <sup>1</sup>	14	7	4
	Positivas <sup>2</sup>	4	10	5
	Iguais <sup>3</sup>	5	7	1
	Z	-2.052	-0.505	-0.241
	P	<b>0.040</b>	0.614	0.809
EEP	Negativas <sup>1</sup>	10	6	3
	Positivas <sup>2</sup>	12	13	5
	Iguais <sup>3</sup>	1	5	2
	Z	-0.916	-1.618	-1.265
	P	0.360	0.106	0.206
ESP	Negativas <sup>1</sup>	2	1	1
	Positivas <sup>2</sup>	17	22	7
	Iguais <sup>3</sup>	4	1	2
	Z	-3.092	-4.010	-2.243
	P	<b>0.002</b>	<b>0.000</b>	<b>0.025</b>
EIS	Negativas <sup>1</sup>	8	11	1
	Positivas <sup>2</sup>	8	9	4
	Iguais <sup>3</sup>	7	4	5
	Z	-0.105	-0.189	-0.962
	P	0.917	0.850	0.336
QI	Negativas <sup>1</sup>	3	4	2
	Positivas <sup>2</sup>	13	16	5
	Iguais <sup>3</sup>	7	4	3
	Z	-2.158	-2.080	-1.380
	P	<b>0.031</b>	<b>0.038</b>	0.168
SI	Negativas <sup>1</sup>	8	8	6
	Positivas <sup>2</sup>	10	11	3
	Iguais <sup>3</sup>	5	15	1
	Z	-0.812	0.226	-0.660
	P	0.417	0.821	0.509
SE	Negativas <sup>1</sup>	12	8	6
	Positivas <sup>2</sup>	6	15	3
	Iguais <sup>3</sup>	9	1	1
	Z	-0.131	-1.831	-0.356
	P	0.896	0.067	0.722
STD	Negativas <sup>1</sup>	12	9	1
	Positivas <sup>2</sup>	9	14	7
	Iguais <sup>3</sup>	2	1	2
	Z	-1.079	-1.202	-1.755
	P	0.281	0.229	0.079
IV	Negativas <sup>1</sup>	14	14	6
	Positivas <sup>2</sup>	7	8	4
	Iguais <sup>3</sup>	2	2	0
	Z	-1.969	-1.940	-1.125
	P	<b>0.049</b>	0.052	0.261

1: Pós Teste < Pré Teste; 2: Pós Teste > Pré Teste; 3: Pós Teste = Pré Teste





Verifica-se igualmente que os alunos atribuíram mais importância à obtenção da posição profissional preferida antes da intervenção, comparativamente aos resultados após a intervenção, no grupo de alunos que sofreram intervenção liderada pela Psicóloga 1, e que estes resultados são estatisticamente significativos ( $z = -2.052$ ;  $p < .05$ ). Os alunos obtiveram melhores resultados após a intervenção no que se refere à exploração com locus em si próprio/a, nos três grupos, para a Psicóloga 1 ( $z = -3.092$ ;  $p < .05$ ), Psicóloga 2 ( $z = -4.01$ ;  $p < .05$ ), e Psicóloga 1 + Psicóloga 2 ( $z = -2.243$ ;  $p < .05$ ). Os resultados após a intervenção foram melhores para a quantidade de informação resultante da exploração vocacional, para a Psicóloga 1 ( $z = .031$ ;  $p < .05$ ) e Psicóloga 2 ( $z = .038$ ;  $p < .05$ ). Finalmente, o grupo de alunos atendidos pela Psicóloga 1, apresenta, no final da intervenção, reduções estatisticamente significativas no que respeita à indecisão vocacional ( $z = -1.969$ ;  $p < .05$ ).

Se compararmos os resultados por grupo de intervenção (cf. Quadro 3), verifica-se que a mudança pós-teste foi positiva e significativa ( $p < .05$ ) para o estatuto de emprego, em todos os grupos de intervenção. Os resultados na exploração com locus em si próprio/a foram melhores após a intervenção, e estatisticamente significativos ( $p < .05$ ) para todos os grupos, exceptuando o grupo 4. O grupo 3 foi o único que teve resultados positivos e significativos ( $p < .05$ ), comparando pré e pós-teste, no que se refere à quantidade de informação. Não se verificam diferenças estatisticamente significativas, comparando pré e pós-teste, na dimensão de indecisão vocacional, em nenhum dos sete grupos de intervenção.

Quadro 3: Efeitos da Consulta Psicológica em Grupo no Processo de Exploração e de Indecisão Vocacional de Jovens: frequências e estatística do teste de Wilcoxon por grupo de intervenção

Sub-Escalas		Grupo 1 (n=10)	Grupo 2 (n=6)	Grupo 3 (n=8)	Grupo 4 (n=9)	Grupo 5 (n=6)	Grupo 6 (n=8)	Grupo 7 (n=10)
EE	Negativas <sup>1</sup>	0	0	0	0	0	0	0
	Positivas <sup>2</sup>	10	6	8	9	6	8	10
	Iguais <sup>3</sup>	0	0	0	0	0	0	0
	Z	-2.807	-2.201	-2.521	-2.668	-2.207	-2.524	-2.814
	P	0.005	0.028	0.012	0.008	0.027	0.012	0.005
CR	Negativas <sup>1</sup>	3	3	4	7	2	3	2
	Positivas <sup>2</sup>	6	CR2	3	2	2	4	3
	Iguais <sup>3</sup>	1	1	1	0	2	1	5
	Z	-0.420	-0.680	-0.598	-1.315	-0.736	-0.171	-0.137
	P	0.674	0.496	0.550	0.189	0.461	0.864	0.891
IE	Negativas <sup>1</sup>	5	4	2	6	4	7	5
	Positivas <sup>2</sup>	4	2	6	3	2	1	4
	Iguais <sup>3</sup>	1	0	0	0	0	0	1
	Z	-1.256	-0.420	-1.120	-0.950	-0.323	-1.491	-0.237
	P	0.209	0.674	0.263	0.342	0.746	0.136	0.813

Sub-Escalas		Grupo 1 (n=10)	Grupo 2 (n=6)	Grupo 3 (n=8)	Grupo 4 (n=9)	Grupo 5 (n=6)	Grupo 6 (n=8)	Grupo 7 (n=10)
II	Negativas <sup>1</sup>	3	4	2	6	4	4	5
	Positivas <sup>2</sup>	4	1	5	2	2	4	5
	Iguais <sup>3</sup>	4	1	5	2	2	4	5
	Z	-0.765	-1.084	-1.279	-1.127	-0.632	-0.144	-0.462
	P	0.444	0.279	0.201	0.260	0.527	0.886	0.644
IPP	Negativas <sup>1</sup>	2	3	2	6	3	5	4
	Positivas <sup>2</sup>	3	3	4	1	1	2	5
	Iguais <sup>3</sup>	5	0	2	2	2	1	1
	Z	-0.276	-0.213	0.000	-1.638	-0.730	-1.200	-0.241
	P	0.783	0.832	1.000	0.101	0.465	0.230	0.809
EEP	Negativas <sup>1</sup>	2	2	2	4	3	3	3
	Positivas <sup>2</sup>	3	4	6	5	3	4	5
	Iguais <sup>3</sup>	5	0	0	0	0	1	2
	Z	0.948	-0.530	-1.420	-0.359	-0.949	-0.938	-1.265
	P	0.343	0.596	0.156	0.720	0.343	0.348	0.206
ESP	Negativas <sup>1</sup>	0	1	0	2	0	0	1
	Positivas <sup>2</sup>	9	5	8	5	5	7	7
	Iguais <sup>3</sup>	1	0	0	2	1	1	2
	Z	-2.692	-1.892	-2.530	-0.938	-2.032	-2.371	-2.243
	P	0.007	0.058	0.011	0.348	0.042	0.018	0.025
EIs	Negativas <sup>1</sup>	5	3	3	1	4	3	1
	Positivas <sup>2</sup>	3	3	3	4	2	2	4
	Iguais <sup>3</sup>	2	0	2	4	0	3	5
	Z	-0.712	-0.527	-0.965	-0.816	-1.186	-0.136	-0.962
	P	0.476	0.598	0.335	0.414	0.236	0.892	0.336
QI	Negativas <sup>1</sup>	3	1	0	2	1	0	2
	Positivas <sup>2</sup>	6	5	5	7	5	1	5
	Iguais <sup>3</sup>	1	0	3	2	0	7	3
	Z	-0.720	-1.186	-2.032	-1.736	-1.081	-1.000	-1.380
	P	0.472	0.236	0.042	0.083	0.279	0.317	0.168
SI	Negativas <sup>1</sup>	5	2	1	4	1	3	6
	Positivas <sup>2</sup>	4	2	5	4	3	3	3
	Iguais <sup>3</sup>	1	2	2	1	2	2	1
	Z	-0.812	-0.552	-1.480	-0.494	-0.365	-0.108	-0.660
	P	0.417	0.581	0.139	0.621	0.715	0.914	0.509
SE	Negativas <sup>1</sup>	2	2	4	3	4	5	6
	Positivas <sup>2</sup>	8	4	3	2	2	2	3
	Iguais <sup>3</sup>	0	0	1	4	0	1	1
	Z	-1.944	-1.160	-0.334	-0.135	0.000	-0.426	-0.356
	P	0.052	0.246	0.731	0.089	1.000	0.670	0.722
STD	Negativas <sup>1</sup>	3	0	6	5	3	4	1
	Positivas <sup>2</sup>	7	5	2	4	3	2	7
	Iguais <sup>3</sup>	0	1	0	0	0	2	2
	Z	-1.174	-2.023	-1.051	-0.891	-0.314	-1.472	-1.755
	P	0.241	0.043	0.293	0.373	0.753	0.141	0.079
STD	Negativas <sup>1</sup>	5	4	5	5	4	5	6
	Positivas <sup>2</sup>	3	2	3	3	2	2	5
	Iguais <sup>3</sup>	2	0	0	1	0	1	0
	Z	-0.852	-1.153	-0.987	-1.682	-0.314	-1.535	-1.125
	P	0.394	0.249	0.323	0.092	0.753	0.125	0.261

<sup>1</sup>: Pós<Pré; <sup>2</sup>: Pós>Pré; <sup>3</sup>: Pós=Pré



## Discussão e Conclusão

Em síntese, este estudo de avaliação da eficácia da consulta psicológica vocacional em alunos finalistas da escolaridade obrigatória, confirmou grande parte dos resultados da literatura da exploração vocacional (Taveira, 1997), bem como da investigação da eficácia das intervenções (e.g., Brown e Krane, 2000; Oliver e Spokane, 1988; Spokane e Oliver, 1983; Whiston et al., 1998). Assim, foram evidenciados efeitos positivos nos clientes após a administração do programa "Futuro Bué"! No entanto, verificamos que os efeitos positivos não se comportam de modo homogêneo, se comparados os resultados por psicóloga responsável pela administração do programa. Estes dados parecem demonstrar que o facto de termos diferentes psicólogas a administrar o programa poderá ser uma explicação para a variabilidade dos resultados obtidos. Deste modo, a análise destes resultados permite apontar para a importância, quer dos factores específicos, como por exemplo, as expectativas de auto-eficácia (e.g., Larson e Daniels, 1998), quer dos factores comuns à intervenção, como por exemplo, a aliança terapêutica (e.g., Soares, 2007). Assim, as características dos psicólogos parecem desempenhar um papel moderador nos resultados alcançados (cf. Swanson, 1995), merecendo, neste caso, ser aprofundadas.

Por outro lado, os valores das dimensões de exploração e de indecisão vocacional dos vários grupos de intervenção são relativamente heterogêneos. Por exemplo, o grupo 3, quando comparado com todos os restantes seis grupos, apresenta resultados positivos e estatisticamente significativos, no que respeita à *quantidade de informação*, no final da intervenção. Estes resultados evidenciam que jovens com problemas semelhantes respondem de forma diferente à intervenção (Chambles e Ollendick, 2001), sofrendo mudanças individuais igualmente diferentes. Vários estudos demonstram que existem variáveis do cliente (e.g., complexidade, estilos interpessoais, estratégias de *coping*) que podem interferir na forma como os clientes respondem às intervenções (e.g., Beutler, Clarkin, e Bongar, 2000).

O presente estudo procurou uma análise mais fina e detalhada dos vários grupos de clientes da consulta psicológica vocacional, de forma a esclarecer a vantagem do uso do estudo de caso na avaliação da eficácia da consulta psicológica vocacional. As diferenças de resultados encontrados no nosso estudo levam-nos a questionar a ideia de ao estarmos a trabalhar os dados totais do grupo, estarmos também a reduzir toda a variabilidade dos clientes a um único grupo. Uma vez que os dados agregados em grupos ofuscam, frequente-

mente, o modo como os indivíduos mudam, a investigação dos mecanismos de mudança individual é crucial (Hill, Cárter, e O'Farrell, 1983).

Em suma, em face aos objectivos pretendidos nesta intervenção, parecem que os dados recolhidos revelam melhorias registadas após a intervenção, demonstrando que a intervenção tende a centrar-se na melhoria das crenças, comportamentos de exploração vocacional, bem como na diminuição do stress na exploração e na tomada de decisão vocacional, e da indecisão vocacional. Além disso, os resultados sugerem claramente vantagens da avaliação da eficácia das intervenções psicológicas, em geral, e dos estudos de caso, em particular, sobretudo em contexto de consulta (e.g., Gelso, 1979). Assim, pode ser útil para a investigação futura, nesta área, estudar o processo de intervenção que conduziu aos resultados obtidos. Será relevante, a este nível, perceber o que aconteceu em cada uma das sessões de intervenção em termos das actividades realizadas, dos comportamentos do cliente, das psicólogas e da relação entre ambos. Uma outra linha de estudo seria explicar o papel da auto-eficácia das psicólogas sobre as percepções de eficácia dos resultados de carreira, e como essas percepções podem afectar os resultados da consulta psicológica vocacional (Heppner e Heppner, 2003).

Os resultados apontam para a necessidade de a investigação acerca da eficácia das intervenções se focar mais nas qualidades e interacções dos participantes na intervenção, assumindo a importância que o psicólogo tem para o sucesso da intervenção (Okiishi, Lambert, Nielsen, e Ogles, 2003), em vez de o considerar como uma figura central que apenas facilita a melhoria do cliente.

Poderá ser igualmente vantajoso para o futuro desta investigação perceber qual a avaliação que os clientes fazem da consulta psicológica vocacional relativamente à eficácia da mesma. Isto porque, quer os estudos individuais, quer os estudos meta-analíticos, avaliam a eficácia da intervenção vocacional tendo em conta o cliente, e as transformações operadas ao longo do processo de intervenção, mas sempre na perspectiva do psicólogo. Mesmo a experiência dos clientes é acedida a partir de instrumentos construídos por psicólogos (Moreira, Gonçalves, e Beutler, 2005). Resta a dúvida: será que a percepção dos clientes acerca da eficácia da intervenção e da forma como ela foi capaz de os ajudar é congruente com as conclusões dos estudos e meta-análises acerca da eficácia da intervenção? Compreender de que forma os clientes constroem as suas experiências de sucesso e perceber que tipos de acontecimentos são percebidos como eficazes por parte do cliente, são exemplos de estudos que deveriam ser prosseguidos no sentido de dar resposta a esta questão.



## Referências

- Anderson, K.J. (1995). The use of a structured career development group to increase career identity: an exploratory study. *Journal of Career Development*, 21 (4), 279-291.
- Bernes, K.B., Bardick, A.D., & Orr, D.T. (2007). Career guidance and counseling efficacy studies: an international research agenda. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 7, 81-96.
- Beutler, L.E., Clarkin, J.F., & Bongar, B. (2000). *Guidelines for systematic treatment of depressed patient*. New York: Oxford University Press.
- Brown, S.D. & Brooks, L. (1991). *Career counseling techniques*. Boston: Allyn & Bacon.
- Brown, S.D. & Krane, N.E. (2000). Four (or five) sessions and a cloud of dust: old assumptions and new observations about career counseling. In S. Brown & R. Lent (Eds.), *Handbook of Counseling Psychology*, (3rd ed.) (pp. 740-749). New York: Wiley.
- Chambleses, D.L. & Ollendick, T.H. (2001). Empirically supported psychological interventions: Controversies and evidence. *Annual Review of Psychology*, 52, 685-716.
- Cochran, D.J. (1984). Group approaches. In H.D. Burck & R.C. Reardon (Eds.), *Career development interventions* (pp. 124-140). Springfield, IL: Charles C. Thomas.
- Esbroeck, R.V. (2002). An introduction to the Paris 2001 IAEVG declaration on educational and vocational guidance. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 2, 73-83.
- Faria, L. & Taveira, M.C. (2006). Ativação do desenvolvimento vocacional: avaliação de uma intervenção psicológica. In J. Tavares, A. Pereira, C. Fernandes., & S. Monteiro (Orgs.) *Actas do Simpósio Internacional: Ativação do desenvolvimento psicológico* (pp.179-188). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Fretz, B. (1981). Evaluating the effectiveness of career interventions. *Journal of Counselling Psychology*, 28, 77-90.
- Gelso, C. (1979). Research in counseling: Methodological and professional issues. *Counseling Psychologist*, 8(3), 7-35
- Heppner M. & Heppner, P.P. (2003). Identifying process variables in career counseling: A research agenda. *Journal of Vocational Behavior*, 62(3), 429-452.
- Hill, C.E., Carter, J.A., & O'Farrell, M.K. (1983). A case study of the process and outcome of time-limited counseling. *Journal of Counseling Psychology*, 30, 3-18.
- Holland, J.L., Magoon, T.M., & Spokane, A.R. (1981). Counseling Psychology: Career interventions, research, and theory. *Annual Review of Psychology*, 32, 279-305.
- Kivlighan, D.M., Jr., Coleman, M.N., & Anderson, D.C. (2000). Process, outcome, and methodology in group counselling research. In S.D. Brown & R.W. Lent (Eds.) *Handbook of counselling psychology* (3rd ed.), (pp. 767-796). New York: Wiley.



- Larson, L.M. & Daniels, J.A. (1998). Review of the counseling self-efficacy literature. *Counseling Psychologist*, 26(2), 179-218.
- Lea, H.D. & Leibowitz, Z.B. (1992). *Adult Career Development: concepts, issues and practices* (2nd ed.). Alexandria, VA: American Ass. Counseling and Development.
- McRoberts, C., Burlingame, G. M., & Hoag, M. J. (1998). Comparative efficacy of individual and group psychotherapy: a meta-analytic perspective. *Group dynamics: theory, research and practice*, 2 (2), 101-117.
- Moreira, P., Gonçalves, O., & Beutler, L.E. (2005). *Métodos de Seleção de Tratamento. O melhor para cada paciente*. Porto: Porto Editora.
- Myers, R.E. (1971). Research on educational and vocational counseling. In A.E. Bergin & S.L. Garfield (Eds.), *Handbook of psychotherapy and behavior change: An empirical analysis* (pp.863-891). New York: Wiley.
- Okiishi, J., Lambert, M. J., Nielsen, S. L., & Ogles, B.M. (2003). Waiting for supershrink: an empirical analysis of therapist effects. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 10, 361-373.
- Oliver, L.W. & Spokane, A.R. (1988). Career-Intervention Outcome: What contributes to client gain? *Journal of Counselling Psychology*, 35 (4), 447-462.
- Osipow, S.H. (1982). Research in career counseling: an analysis of issues and problems. *The Counseling Psychologist*, 10 (4), 27-34.
- Osipow, S.H., Carney, C.G., Winer, J. L., Yanico, B., & Koshier, M. (1976). *The Career Decision Scale* (3rd rev.). Columbus, OH: Marathon Consulting & Press and Odessa, FL: Psychological Assessment Resources, Inc.
- Pickering, J.W., & Vacc, N.A. (1984). Effectiveness of career development interventions for college students: a review of published research. *Vocational Guidance Quarterly*, 32, 149-159.
- Pyle, K.R. (1986). *Group career counseling: principles and practices*. Ann Arbor, University of Michigan, ERIC Counseling and Personnel Services Clearinghouse.
- Rounds, J.B. & Tinsley, H.E.A. (1984). Diagnosis and treatment of vocational problems. In S.D. Brown & R. Lent (Eds.), *Handbook of counseling psychology* (pp. 137-177). New York: Wiley.
- Silva, J.T. (2004). A eficácia da intervenção vocacional em análise: implicações para a prática psicológica. In M.C. Taveira (Coord.) *Desenvolvimento vocacional ao longo da vida. Fundamentos, princípios e orientações* (pp. 95-125). Coimbra: Editorial Almedina.
- Soares, M. (2007). Parar, pensar e avaliar a psicoterapia - contribuições da investigação de díades de terapeutas e clientes portugueses. Tese de doutoramento publicada. Universitat Ramon Llull. Barcelona.
- Spokane, A. R. & Oliver, L. W. (1983). Outcomes of vocational intervention. In S. E. Osipow & W. B. Walsh (Eds.), *Handbook of Vocational Psychology* (pp. 99-136). Hillsdale, NJ: Erlbaum.



- Spokane, A.R. & Hawks, B.K. (1990). Annual Review: practice and research in career counseling and development. *The Career Development Quarterly*, 39, 99-128.
- Stumpf, S.A.; Colarelli, M.S., & Hartman, K. (1983). Development of the Career Exploration Survey (CES). *Journal of Vocational Behavior*, 22, 191-226.
- Swanson, J. (1995). The process and outcomes of career counseling. In S.H. Osipow & W.B. Walsh (Eds.) *Handbook of vocational psychology, Theory, Research and Practice* (2nd. Ed.), (pp. 217-260). Mahwah, NJ: LEA.
- Taveira, M.C. (1997). *Exploração e desenvolvimento vocacional de jovens. Estudo sobre as relações entre a exploração, a identidade e a indecisão vocacional*. Tese de doutoramento publicada. Universidade do Minho. Braga.
- Taveira, M.C. (2001). *O modelo de intervenção vocacional por programas*. Casa Pia de Lisboa.
- Taveira, M.C., Oliveira, H., & Gonçalves, A. (1997). *Futuro Bué! Versão Piloto*. Serviço de consulta Psicológica e Desenvolvimento Humano da Universidade do Minho. Programa de Intervenção Psicológica vocacional não publicado, Universidade do Minho. Braga
- Taveira, M.C., Oliveira, H., Gonçalves, A. & Faria, L. (2004). *Futuro Bué! Versão Definitiva*. Serviço de consulta Psicológica e Desenvolvimento Humano da Universidade do Minho. Programa de Intervenção Psicológica vocacional não publicado, Universidade do Minho, Braga
- Whiston, S.C., Brecheisen, B.K., & Stephens, J. (2003). Does treatment modality affect career counseling effectiveness? *Journal of Vocational Behavior*, 62, 389.
- Whiston, S.C., Sexton, T.L., & Lasoff, D.L. (1998). Career-intervention outcome: a replication and extension of Oliver and Spokane (1988). *Journal of Counseling Psychology*, 45 (2), 150-165.

## GROUP CAREER COUNSELING: CASE-STUDIES WITH 9TH GRADE STUDENTS

Liliana Faria, Alexandra Araújo, Maria do Céu Taveira, Joana Pinto  
*Centro de Investigação em Psicologia, Universidade do Minho, Portugal*

*Abstract:* In this paper, the authors present assessment results of 7 longitudinal case-studies, of the administration of a group career counselling intervention with 9<sup>th</sup>-grade students, with the duration of 5 weeks. The intervention, named "Futuro Bué!" and developed by Taveira et al. (1997, 2004), was designed in order to help students to improve decision-making at the end of 9<sup>th</sup>-grade. Results on the impact of the "Futuro Bué!" program on student's career exploration and vocational indecision are described. Finally, implications for future research on career interventions' efficacy are discussed by authors.

**KEY-WORDS:** *Career group counseling, career, interventions, efficacy.*